



A insigne atriz REGINA BADET

que Lisboa já teve ocasião de aplaudir no Teatro Republica com a companhia de André Brulé

II SERIE—N.º 630

ASSINATURAS:—Portugal, Colonias portuguezas e Espanha: Trimestre, 1\$45 ctv.
Semestre, 2\$90 ctv.—Ano, 5\$80 ctv.

• **Numero avulso, 12 centavos**
Numero avulso em todo o Brazil, 700 rs.

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal

O SECULO

Lisboa, 18 de Março de 1918

Director—J. J. da Silva Graça
Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.
Editor—José Zoubert Chaves
Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43—LISBOA

Guerra á rotina! — Uma grande conquista!

Uma LAVAGEM MAGNIFICA sem nenhum LIQUIDO

EXPERIMENTEM UM PACOTE DE 100 réis



Fig. 1

O que basta fazer:

Espalhar meio pacote da *Fricção Maria* por entre o vosso cabelo, á noite. O pó absorve a oleosidade e as impurezas. No dia seguinte, de manhã, escovae vigorosamente. O pó sae logo, levando consigo as impurezas e saneando o cabelo.

NENHUM LIQUIDO

NENHUM PERIGO

Despeza 50 réis

Fig. 3

RESULTADO:

CABELOS EXPLENDIDOS, ARMADOS E ABUNDANTES

Usem a **"Fricção Maria"***Não altera a côr do cabelo***NÃO DESFAZ A ONDULAÇÃO**

Fig. 2

O que se evita:

—A maçada da lavagem em casa ou no cabeleireiro.

—Humidade da cabeça, que a muitas senhoras faz doenças.

—Dificuldades no penteado, que ha sempre depois d'uma lavagem com liquido.

O pacote, que chega para duas vezes, 100 rs. Pelo correio mais 30 rs.

PERFUMARIA DA MODA
5, Rua do Carmo, 7 — Lisboa
SUCURSAL NO PORTO, rua de Santa Catarina, 31 e 33. Em todas as boas casas.

INSTITUTO COMERCIAL PEREIRA DE SOUSA
FUNDADO EM 1899 E DIRIGIDO POR
Artur Alvaro Pereira de Sousa



AULAS DIURNAS E NOCTURNAS PARA AMBOS OS SEXOS
EM PAVIMENTOS SEPARADOS

Curso livre de Esteno-Dactilografia, Comercio e Linguas

16 CURSOS PROFISSIONAIS E OFICIAIS com os quais homens e senhoras
obtem colocação bem remunerada em qualquer paiz.

HABILITAÇÃO PARA CONCURSOS

nas repartições publicas, Bancos, Montepios, etc.

LIÇÕES EM CLASSE, INDIVIDUAIS E POR CORRESPONDENCIA

Matricula permanente á mensalidade, anuidade e por contracto de habilitação completa.

PEDIR PRO-GRAMAS A **Rua Nova do Almada, 53—LISBOA**

Endereço telegrafico: **PERSOU-LISBOA**

As

Dores de cabeça e neurasthenia

produzidas pela

PRISÃO DE VENTRE

curam-se, regularizando os intestinos com a

LACTOSYMBIOSINA

Não é purgativo. Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO SANITAS—T. do Carmo, 1, 1.º, Lisboa**DOENTES****A Moderna Therapeutica Magnetica**

Com o *auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NATURAIS*, especificados para cada caso e devidamente individualizados, constitue

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR as doenças de qualquer órgão: estomago, intestinos, ligado, rins, coração, etc., ou vias urinarias, respiratorias e circulatorias: hemorrhoïdal, doenças da nutrição, nervosas, aritricas ou linfaticas, paraliticas ou irritativas *por graves e antigas que sejam*: assim o tenho affirmado na minha longa pratica no estrangeiro e presentemente comprovo pelas *curas* que aqui tenho realisado. *Os que sofrem não devem, pois, hesitar, a submeter-se aos meus especiais tratamentos.*

FISICO-MAGNETICOS E DIETETICOS

De cujos favoraveis resultados *me responsabilizo*.
Dr. P. I. Colucci, director do consultorio *magnetoterapico*. T. C. João Gonçalves, 20, 2.º E., ao Intendente. Da 1 ás 5.



A morte da catedral

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

A IMENSA fabrica construida pela vontade colectiva e pela ternura mística d'uma geração sepulta nas trevas do passado fôra o testemunho vivo de uma obra enraizada pelo amor no coração dos homens, erguendo-o a um ideal puríssimo, expressão transcendente do pensamento sublime, da arreigada crença, da consoladora esperança.

O simbolismo das pedras bordadas de finisimos labores, reproduzindo a floresta na elegancia das colunas encimadas por capiteis que são ramarias paradas e o infinito na vastidão dos tectos, creou a sugestão da supremacia do principio religioso sobre as forças da natureza.

A alma de um povo heroico ajoelhou em extasis, louvando o poder creador, com piedosa devoção; e, já desprendida da material grosseiria da vida comum, ascendeu ás regiões longinquas do idealismo, eternizando o milagre salvador na rijeza inabalavel e eterna do magestoso templo.

Nenhum intuito interesseiro levantou os fundamentos. Ninguém lhe conheceu o arquiteto genial, como ignorados foram os humildes obreiros que, com mãos fortes e carinhosas, afeiçoaram as pedras, cavaram os nichos, rendilharam os capiteis e esculpiram os santos, os martires, os confessores, animando o vasto portico com suas atitudes hieraticas e refletindo na expressão do rosto o amor de

Deus, dos homens, da natureza inteira...

Nas criptas sombrias dormem o eterno sono os guerreiros, que depois de fera luta beijaram o leito pedregoso da Via Dolorosa; e que, despedido o arnez e vestido o burel, choraram lagrimas contritas, rojando-se humildes junto do Santo Sepulcro. Nas goticas janelas esplendem os vitraes. Por sobre a alta portada do templo, como se uma flôr gigantesca e multicôr desabrochasse amorosa das caricias da luz, brilha a imensa rosacea, flamejante quando o sol a morde, ardente e sensual e irisada de côres discretas quando mansa e suave a lua a acaricia, nas noites calmas de sonho e de misterio...

Vira serena e magestosa o desfile deslumbrante dos cortejos reaes, ricos de pompas e de galas; abrigava no seio acolhedor os vencidos da vida, apontan-



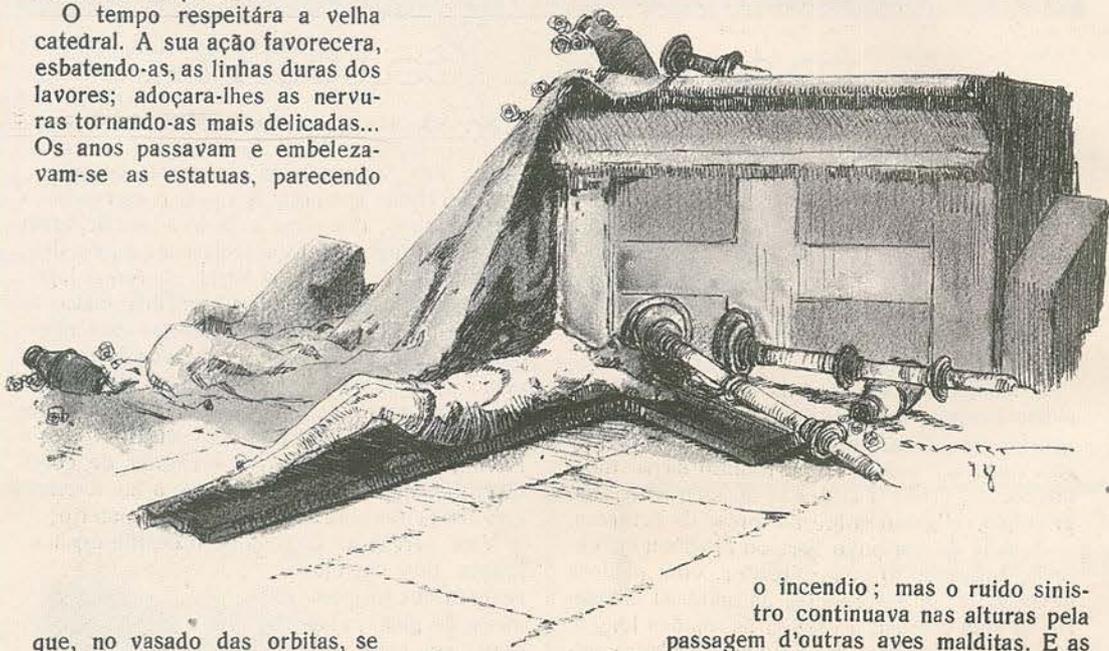
do-lhes o caminho do ceu... O orgão complicado de multiplas sonoridades, enchera-lhe as naves com os acordes divinos d'uma musica celestial, enternecendo e avivando a Fé, na pureza e sobriedade do estilo religioso. No alto dos campanarios quantas vezes os pesados sinos de bronze repicaram festivos nos dias de alegria saudando os noivos enleitados, que, na casa de Deus, vinham jurar um amor fiel durante a vida inteira e as tenras creancinhas, libertas do pecado original pela agua benta do batismo e tantas outras, anunciaram a morte em compassada plangencia, ou em furia desordenada conclamaram á violencia, ao morticinio e á guerra os povoados circumvisinhos com rebates desencadeiados em ru-mores de tempestade.

O tempo respeitára a velha catedral. A sua ação favorecera, esbatendo-as, as linhas duras dos la-vores; adoçara-lhes as nervuras tornando-as mais delicadas... Os anos passavam e embelezavam-se as estatuas, parecendo

cançar as azas enormes, tam rija é a enver-gadura.

Vão passar sobre as altas torres da catedral que as não vê, que as não sente, absorta, como está, no enlevo do sonho místico!

Um sibilo corta o ar e uma massa escan-deiante raspa os contrafortes e vem explodir no solo, abalando os fundamentos. Um estilhaço de ferro toca o sino grande fazendo vibrar o bronze n'um desesperado grito d'agonia. Outros projecteis se sucedem sobre os corocheus e sobre os campanarios, rebentando com um fragor mais violento que o trovão e mais destruidor que um chuveiro de raios. Já um ras-gão se fizera na aboboda e nas naves se ateiára



que, no vasado das orbitas, se acendia o olhar ardente, visionando as transcendencias do Além-mundo, porque a Fé é a creadora da Beleza eterna!

*
* * *

Noite calma. Uma neblina tenue envolve misteriosamente a soberba catedral. Ha contrastes ineditos e imprevisitos. A lua, coando a luz, atravez do ar ligeiramente brumoso, provoca aspétos estranhos, organisando as sombras e fazendo mais solene o profundo silencio da mansão divina... De repente ouve-se um ruido estranho, como se pulmões d'aço arfassem n'uma atmosfera de fogo...

Aves desconhecidas e invisiveis cortam rapidas a vastidão dos ceus. Vêem em pequenos bandos; mas nada ha de semelhante á vertigem do vôo formidavel, nem nunca aguia real se aventurou a tam desmesurada altura... Ergueram-se dos abismos do inferno e desafiavam altivas a imensidade dos ceus. Não precisam des-

o incendio; mas o ruido sinistro continuava nas alturas pela passagem d'outras aves malditas. E as explosões sucediam-se, como se varias tempestades surgissem a unisono a sua diabolica furia.

Ao clarão das chamas, os santos, os martires, as virgens, os confessores animavam-se, viviam o derradeiro suplicio, o ultimo momento, sem lagrimas de Dôr!

Os vitraes das janelas exibiam pela derradeira vez a beleza incomparavel das suas tintas. N'uma reviviscencia fantastica, como miragens de fogo, succedem-se passagens da vida do Redentor...

Um anjo, de vestes candidas, anuncia á Virgem Santa o misterio da encarnação de um Deus. Uma estrela brilhante guia no arido caminho do deserto tres reis magnificos com sua esplendida comitiva. Mitrado d'oiro, Simeão, aguarda a apresentação no templo do tenro infante... Os graves doutores da Lei escutam atentos a palavra da Verdade e da Justiça, presos da magia da voz eloquente de uma prodigiosa creanca... Uma samaritana, descalça de pés tam finos,

como petalas de lirio, olha extatica o divino rabbi... Uma adúltera perseguida acolhe-se á protecção do Mestre indulgente, enquanto, desarmados, pelo grito da consciencia, se recolhem contritos os venaes acusadores... Uma debandada geral de vendilhões e egoistas se agita em desordenada fuga, fustigados pelo latego justiceiro. N'uma agonia lenta, em que passam, como n'um pes delo sombrio, todo o infortunio humano, todo o sofrimento, todas as dores, aceita o cruento sacrificio o homem-Deus. E já sobre o alto da colina, o seu corpo lanhado, livido, nú, esmaece no derradeiro alento, pregado ao alto n'uma cruz, entre dois malfeteiros estertorisando e estorcendo se, n'uma crispação violenta, derradeiro arranco da ferocidade e do crime.

Todos estes esplendorosos quadros debuxados com tintas inapagaveis, de tons inequalados, onde o verde dos prados, o azul dos ceus, o oiro do sol, o argenteo da lua, o brilho do diamante, as côres da opala, do topazio e da ametista se fundiram n'uma harmonia perfeita, desapareceram, lambidos pelas chamas que, sibilando, irrompiam n'uma furia crescente.

As gargulas estalando esboroam-se... As quimeras aladas queimam entre labaredas o sonho fantastico das alucinações terriveis. E o fogo rugue e alastra por todo o edificio, mar de lume destruindo e abatendo a obra gigantesca seguida no coração dos fieis, que fizeram de cada pedra levantada por suas mãos uma prece em louvor do Deus todo poderoso...

Já as aves de preza vão correndo, longe, muito longe do lugar sinistro, onde seineiaram a morte... Afastam-se vitoriosas desafiando a imensidade, ufanas do barbaro triunfo.

Dias seguidos o fogo continuou a obra devastadora; mas, sobre o montão das ruinas, ficou de pé uma cruz e n'ela pregado um Cristo que, olhando o ceu com a vista enevuada pelas sombras da morte, parecia soltar o derradeiro grito da demorada agonia:

— Deus! Meu Deus! porque me abandonaste?

França — 1918.

*Eduardo
Pimenta.*



As nossas tropas em França



Sr. Agostinho de Sá Vieira, alferes de infantaria.



Sr. Luiz José Ferreira, capitão de infantaria.



Sr. Manuel Jacinto Fortes, tenente de artilharia.



Sr. Manoel Carreiro Marques Alves, alferes do grupo de ciclistas.



Sr. Silvino Saraiva, alferes d'uma bateria de morteiros ligeiros.



Oficiais da 1.ª companhia de infantaria 10: Da esquerda para a direita, os srs.: Estima, comandante do 1.º pelotão; Martins, comandante do 2.º; Grilo, comandante da companhia, e Gomes, comandante do 3.º



Sr. Abel Duarte Teixeira d'Araujo, alferes do 2.º B. 6.º R. (infantaria 13).



Sr. Carlos Gonçalves Coelho, alferes de infantaria.



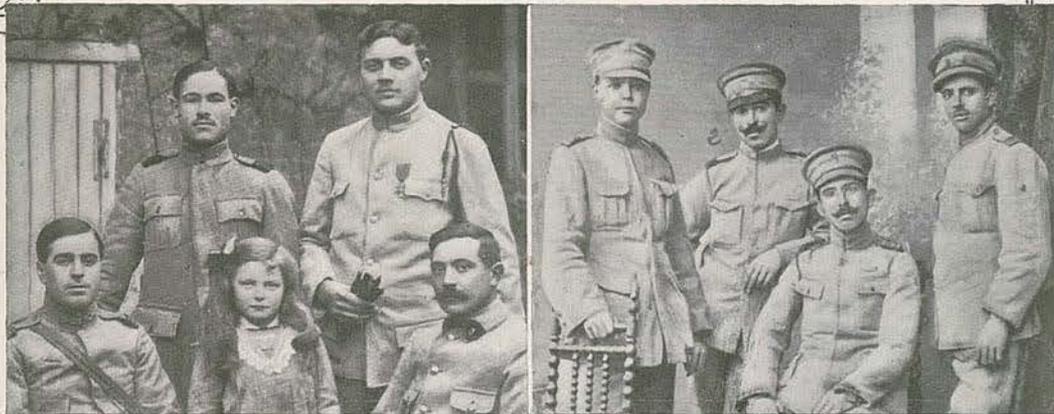
Sr. José Antonio Cerqueira, capitão d'administração militar.



Alferes d'um batalhão de infantaria. Da esquerda para a direita, os srs.: Dentinho, Evaristo Augusto Roque e Matos Cordeiro.



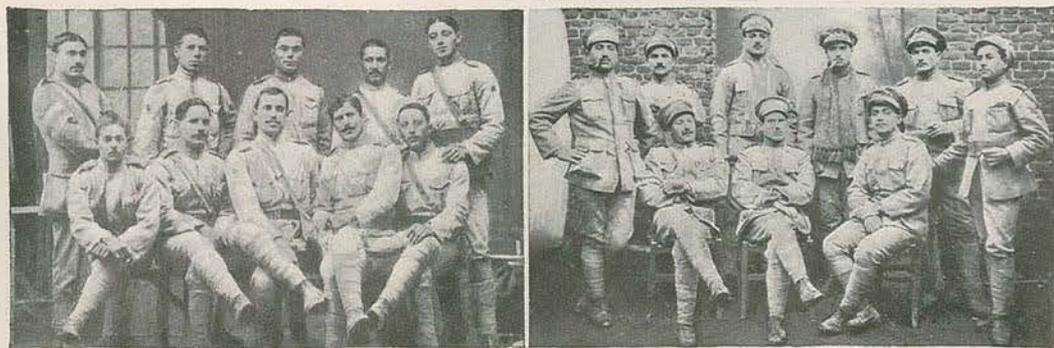
Outro grupo de oficiais de infantaria. Da esquerda para a direita, os srs.: alferes Sousa Pinto, tenente-medico dr. Zeferino Batista e o alferes Santos Carneiro.



1. Grupo de sargentos francezes e portuguezes com uma menina franceza. Sentados: Joaquim de Figueiredo Ministro e Cesar Ridez (francez). De pé: José Afonso e Paul Sénéchal (francez).—2. Sargentos de infantaria, da esquerda para a direita: Valerio, Fernandes, Rocha e Regato.



Grupo de sargentos da 1.ª companhia do batalhão de sapadores dos caminhos de ferro com o seu comandante. Da esquerda para a direita, sentados no primeiro plano: segundos sargentos, Alvaro, Sant'Ana, Neves e Oliveira. No segundo plano: primeiro sargento-maquinista Gonçalves, segundo sargento Duarte, segundo sargento inglês Robson, (interprete), tenente de engenharia sr. Teofilo de Sousa Leal Faria (comandante da companhia), primeiro sargento Matias, segundo sargento Pereira e primeiro sargento maquinista Santos. No terceiro plano: primeiros sargentos maquinistas Nogueira e Aspra, segundos sargentos Pires, Almeida, Carvalho, Martins e Vilão, e o primeiro sargento maquinista Abreu.



Grupo de sargentos de infantaria II. Da esquerda para a direita, sentados: Manuel Antonio, Celestino Bravinho, José Fernandes, Americo Teixeira e Justo Abreu. De pé: José Carmelo, Carlos Silva, Simão Velez, José Claudino e Carlos de Sousa.

Outro grupo de sargentos d'um batalhão de infantaria. Da esquerda para a direita, sentados: António Pascoal, Alvaro Antunes e Antonio d'Oliveira. De pé: Antonio Pinto, José Ferreira, Angelo Pereira, José Lopes, José d'Asenha e José Ganeiro.



Sargentos de infantaria. Da esquerda para a direita: 1.º plano, Assunção, Guerreiro e Maciel. 2.º plano, Cunha, Cordeiro, Albino e Viaturas. 3.º plano, Castro, Torres e Silva.



Grupo de sargentos milicianos. Da esquerda para a direita, sentados: Julio Eiras e Matos d'Almeida. De pé: Julio Nunes, Manuel Silva, Rodrigo Santos, Antonio Fernandes e Vicente Junior.



Sargentos d'um batalhão de infantaria. Da esquerda para a direita, deitados: segundos sargentos, Assunção, Monteiro, Gonçalves, Ernesto, Armando e Freitas. Sentados: Ferreira, Lage, Trindade, Lima e Aranha, segundos sargentos; Lima e Cruz, primeiros sargentos; Espirito Santo e Evangelista, sargentos ajudantes; Ferreira, primeiro sargento; Ped o, Ramos e Silva, segundos sargentos. De pé, primeiro plano: Monteiro, Salgueiro, Oliveira, Coelho, Silva, Martins, Dias, Conceição, Ulfriano, Rodrigues, Simões, Santos, Silva, Barros, Marques e Arsenio, segundos sargentos. Segundo plano: Elias, Clerigo, Simão, Batista, Santos, Souza, Cristina, Nascimento, Cruz, Rato, Parracho, Daniel e Agostinho, segundos sargentos.



1. Emilio de Carvalho, segundo sargento de infantaria.—2. Francisco Parreira, primeiro sargento do B. M. M.—3. Antonio Amendoeira, segundo sargento das C. S.—4. Henrique M. Albino, segundo sargento de artilharia.—5. Francisco Serrano, primeiro sargento de infantaria.—6. Antonio Caldeira, segundo sargento do S. P. C.—7. Telemaco da Costa, segundo sargento de infantaria.—8. José Roda, segundo sargento de infantaria.—9. Domingos Barão, segundo sargento de infantaria.—10. Antonio M. Costa, segundo sargento de infantaria.—11. Marcelino S. Barros, segundo sargento «chauffeur».—12. José J. Castanho, segundo sargento do C. A. P. I.—13. Antonio José da Silva, segundo sargento serralheiro.—14. João Rodrigues Malta, segundo sargento do C. A. P. I.

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho tem hoje em vida a justa consagração dos seus gloriosos meritos. A mais aristocratica e a mais feminina das nossas escritoras, cujo talento se revelou ha meio seculo no poema delicioso que é *Uma primavera de mulher*, mantem ainda agora, a despeito da senectude fisica, a mocidade do espirito gentilissimo com que a musa de Piteus iluminava e enchia de perfume a casa paterna. O talento literario de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho desab'ochou no convivio das inteligencias mais agudas do seu tempo,

dos artistas e dos homens de letras mais aplaudidos de uma epoca em que não escasseavam as figuras de relevo e as obras justamente festejadas. Foi pela mão de um d'esses grandes literatos que a filha illustre de José Vaz de Carvalho entrou na carreira em que havia de alcançar tamanho prestigio: Tomaz Ribeiro, aureolado pelos fulgores de um renome, que como poeta conquistára em todos os pontos onde se fala e escreve a lingua portugueza, firmou o prefacio do poema que a critica recebeu com unanimidade encomio. A' celebridade de D. Maria Amalia emprestou um relevo singular a sua aliança matrimonial com Gonçalves Crespo, poeta parnasiano, lavrante admiravel do verso, e de que foi não só a esposa e a enteimeira dedicada como tambem a brilhante colaboradora n'um

dos primeiros livros que se escreveram para creanças: os *Contos para os nossos filhos*. Essa obra, que é um primor literario e igualmente um lavor pedagogico digno das intenções que o inspiraram, mereceu a aprovação das estações competentes que o consideraram utilissimo para uso das escolas primarias.

A aurea pena de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho utensilio de trabalho manejado durante cincoenta anos com uma exemplar galhardia, nunca soube o que seja um dilatado repouso, uma contrariedade, um momento de desanimo. Todas as provincias literarias lhe foram familiares: iniciando a vida de arte pela poesia, vimol-a cultivar depois, com a mesma graça, o mesmo brilho, a mesma elegancia, o mesmo vigor, o conto, a cronica, a critica, a literatura moral e educativa, a tradução das obras-primas estrangeiras. A' imprensa de Portugal e

Brasil forneceu uma colaboração simultaneamente variada, conceituosa, inconfundivel, opulenta e abundante como raras. Um dia, meteu hombros aos trabalhos historicos e surgiu a obra monumental que é a *Vida do duque de Palmela*, em que nos aparece a toda a luz, subtilmente analisada, a psicologia do diplomata e homem de Estado notavel que foi D. Pedro de Sousa Holstein.

Maria Amalia Vaz de Carvalho, em cuja casa existe hoje talvez o ultimo salão de Portugal, onde as coisas intellectuaes e artisticas encontram quem as verse com requintado gosto, e onde se congregam muitos dos lidimos valores da nossa terra em torno d'essa privilegiada senhora,— sente, decerto, n'esta hora de inteira justiça, um doce, inefavel prazer espiritual: o de saber compre-

endida, admirada e agradecida uma obra magnifica de beleza, que cincoenta anos de atividade produziram e que conservará, atravez dos tempos, o viço imortal das obras a que o verdadeiro talento imprimiu o seu indeleavel cunho...

A. de A.



Sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Um hospital da Cruz Vermelha Brasileira em Paris



Embora se não tenha efetuado a cooperação do Brasil nos campos de batalha da Europa para o que, todavia, se apresta ativamente, encontra-se já ali a Cruz Vermelha Brasileira, dispensando os seus valiosos e devotados serviços.

No hospital que instituiu em Paris, de



modelar funcionamento, provido de mais aperfeiçoado material sanitario e com um corpo clinico em que figuram nomes de grande vulto, encontram-se muitas senhoras das mais distintas familias brasileiras que, carinhosamente, cuidam dos feridos da Grande Guerra.



1. Sala Jeane d'Arc.—2. Grupo de clinicos. Da esquerda para a direita, sentados: os srs. drs. Abreu, C. Botelho, Paulo Rio Branco, Barreto e Melo Viana. De pé: os srs. drs. Pedro Paes de Carvalho, Maia e Agostinho de Carvalho.—3. Grupo de enfermeiras brasileiras e francezas. A' direita, de pé, madame Dutreil, enfermeira-mór.



Eu sei, eu sei, que V. Ex.^a é uma fervorosa admiradora da partitura de *Sansão e Dalila*. V. Ex.^a tem razão. Ha ali muitas paginas d'uma musica inspirada e deliciosa. Mas isso não nos deve impedir de registar com magua que mr. Camille Saint-Saëns tem uma senilidade truculenta e má. Ha tempos ele denegria Wagner e Goethe. Injustiça patriótica e, por isso mesmo, desculpavel — havia quem dissesse. Mas eis que o «maestro» nos surge agora critico de pintura e a vitima é, d'esta feita, um artista francez.

Mr. Camille Saint-Saëns leu n'uma folha de provincia, o *Petit Niçois*, um artigo de mr. Paul Signac celebrando o genio de Cézanne. Isso encheu-o de indignação. E logo, fugindo do piano e das suas melodias, agarrou na pena para protestar. Perante o diretor do *Petit Niçois*, o compositor invoca a sua qualidade de membro da Academia de Belas-Artes para fazer em materia de pintura a sua profissão de fé. Segundo ele, a pintura é mr. Bonnat, e Laurens, e Merson, e Cormon e Dagnaut-Bouveret, e Humbert, Carolus Duran, Lhermite, Flameng, Besnard, Baschet, Gervex, Colin — e não Cézanne «com as suas informes garabulhas». Falar de «genio poderoso e grave» d'este ultimo artista, como parece ter

feito mr. Paul Signac, é, segundo mr. Saint-Saëns, um gracejo de mau gosto. «A Escola das Belas-Artes, proclama o «maestro», é uma escola onde se aprende a desenhar; e, como disse Ingres, o desenho é a proibidade da Arte. A pintura que não parte d'este principio será sempre, por mais que se faça, uma má pintura».

Magister dixit! Mas quantas creaturas de bom-gosto porão ás palavras do improvisado

critico as mais severas objeções! O nome de Cézanne não cessa de engrandecer-se com o recuo dos tempos. Ha pouco em Aix-en-Provence foi encontrada uma teja que merece contar-se entre as melhores da sua obra. E' um retrato de Zola moço, tal como Céranne o conheceu quando ambos por caminhos diferentes disputavam a gloria. Para o escritor ela veiu mais rapida; para o pintor ela será sem duvida mais duradoira. Por muito



Emilio Zola, por Cézanne

que isso custe a mr. Camille Saint-Saëns...

Diga-me, minha senhora, que está d'acordo comigo e creia-me o seu mais humilde e dedicado servidor

Paris, 24 de Fevereiro.

Paulo Osorio.

A GUERRA

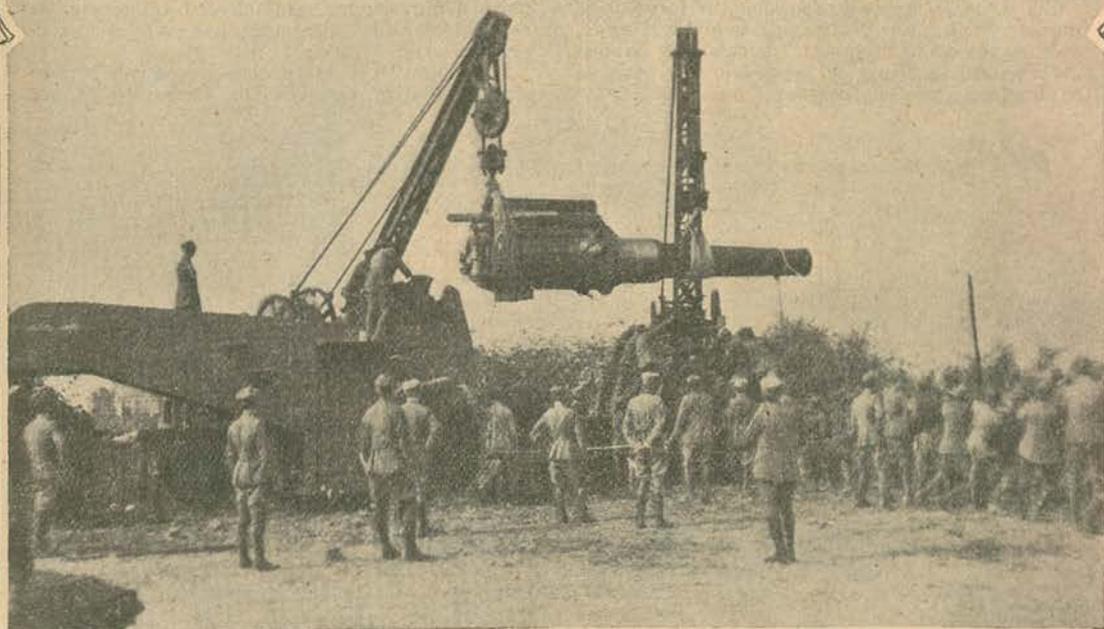


O rei dos belgas em Italia. — Constituiu uma nova consagração para a heroica Bélgica o acolhimento enternecedor aos seus reinantes, durante a sua recente visita ao *front* italiano.

As delirantes aclamações que o bravo monarca ouviu dos soldados da Italia, foram como que veementes protestos de que a sua tenacidade e valentia não afrouxaria enquanto não estivesse redimida a patria de tão ilustre hospede.



1. O encontro dos monarcas da Bélgica com o rei d'Italia n'uma estação de caminho de ferro proxima das linhas de combate.—2. Uma estrada em Pasubio (Italia).—3. Os reinantes da Bélgica e da Italia passando em revista um corpo d'exercito italiano.



Soldados francezes cooperando com os italianos no exercicio de desmontamento d'um canhão de grosso calibre, perante os monarcas belgas e italiano.



Os reis da Belgica e da Italia, seguidos dos seus sequitos, dirigem-se para o local onde passarão em revista as tropas italianas

(Clichés da secção fotografica do exercito italiano).

O torpedeamento do "Aragão"

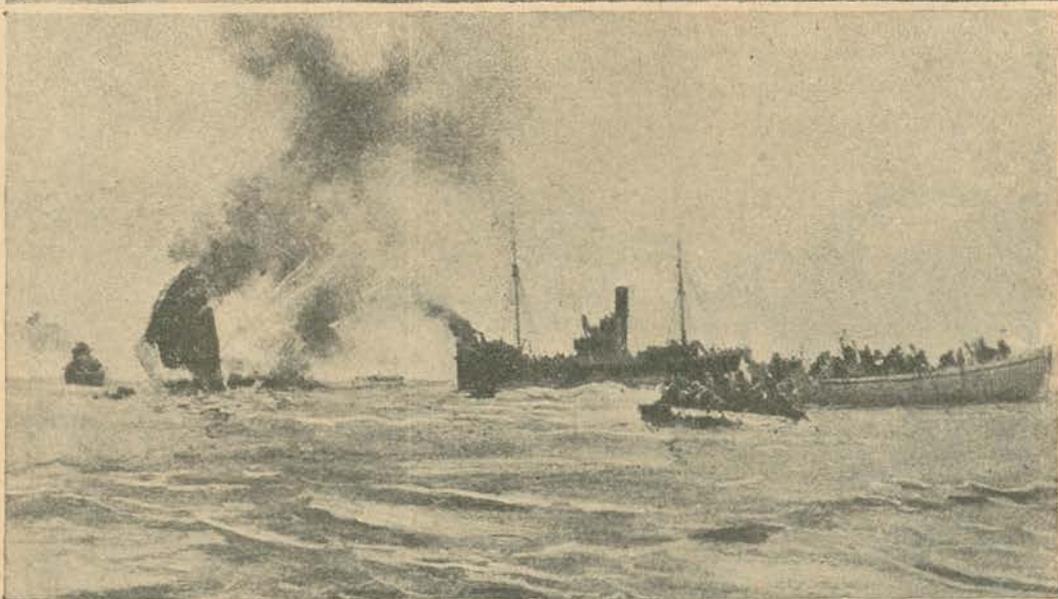
MAIS uma selvageria, de grande vulto, d'um submarino alemão a *Ilustração Portuguesa* regista nas suas paginas.

Em 30 de dezembro do ano findo, foi torpedeado, no mar Mediterraneo, o transporte inglez *Aragão*, do comando de mr. Bateman. Um *destroyer* da mesma nacionalidade que se apressára a socorrer os naufragos foi tambem torpedeado e afundado.

rante os trabalhos de salvamento, executados com um metodo admiravel.

Todavia, a inesperada explosão do paiol da polvora fez afundar subitamente o transporte, perecendo cerca de 224 homens, que não tinham conseguido ainda salvar-se.

Este doloroso acontecimento causou uma impressão indescritivel em todos os paizes aliados, que



1. O transporte inglez *Aragão*, momentos antes de se afundar. Ao lado o *destroyer* que tambem foi torpedeado. No primeiro plano uma jangada com alguns soldados sobreviventes.—2. A explosão do paiol da polvora do *Aragão*. A' direita da fotografia vêem-se jangadas e outros barcos com sobreviventes dirigindo-se para o vapor que acorreu a socorrer-os.

No transporte, que conduzia um numero consideravel de soldados, não se estabeleceu confusão alguma, e, nunca, a disciplina foi melhor interpretada e as ordens cumpridas com tanto sangue frio e tão rapidamente quanto era mister, como du-

nunca esquecerão a perda de tantas vidas devida a procesos traiçoeiros e infames de guerrear, que só o barbarismo germanico é capaz de empregar e com o que se rejubila quem, tão feroz e cobardemente, orienta a campanha submarina.

Marinheiros portugueses em Brest



O almirante francez, Mr. Moreau, retribuindo a continencia dos marinheiros portugueses.

No dia 14 de fevereiro real-
lisou-se em Brest, no
Cours Dayot, uma dis-
tribuição de medalhas a ofi-
ciaes, praças e civis que
n'esta ocasião mais se tem
distinguído.

A distribuição foi feita
pelo almirante governador
da praça de Brest, Mr. Mo-
reau.

O Cours Dayot é um pas-
seio sobranceiro ao porto
de commercio, d'onde se vê
toda a rada de Brest. E' o passeio mais bonito da
cidade e sempre o mais concorrido. N'aquelle dia



A distribuição das medalhas,
pelo almirante M. Moreau. A
seguir á bandeira americana
estão os marinheiros portu-
guezes. A' direita, atraz das
arvores, officiaes do exercito
portuguez.

ali se reuniu, pode dizer-se,
toda a população. A revista
foi passada pelo almirante
Moreau, almirantes e gene-
raes estrangeiros, e pelos
comandantes atualmente em
Brest, das bases estrangeiras.
A formatura era a seguinte:
— Contingente de marinha
do c. a. Gil Eanes, c. t. Gua-

diana, sob o comando do guarda
marinha Xavier ;

— contingente de marinha dos
navios americanos;

— contingente de marinha dos
navios escolas francezes ;

— contingente de soldados in-
glezes, americanos e francezes.

Representava superiormente
o exercito portuguez, o actual
comandante da base, barão de
Cadoro.

Após a distribuição das me-
dalhas, feitas como já se disse,



Os marinheiros portugueses, sob o comando do guarda-marinha sr. Alferto
Xavier, na parada.

pelo almirante Moreau, desfilaram as tropas de terra
e mar deante dos officiaes generaes presentes e dos
officiaes convidados portu-
guezes, francezes, inglezes e ame-
ricanos. Entre os officiaes portu-
guezes de marinha estavam
os comandantes Nogueira e
Newton, respetivamente do c.
t. *Guadiana* e do c. a. *Gil
Eanes*.

Todas as tropas foram mui-
to aplaudidas, especialmente a
marinha portugueza, pelo seu
garbo, a marinha e exercito
americano, e a artilharia fran-
ceza, que simbolisava o exer-
cito dos *poilus* que tão heroic-
amente se tem batido.



Os marinheiros portugueses desfilando deante dos officiaes portuguezes
e estrangeiros.

Festa da Boneca



AUXILIAR os que lutam nos campos de batalha, proporcionar a esses servidores heroicos da Patria a maior soma de testemunhos de afeto e reconhecimento, acudindo-lhes nas horas em que gemem feridos ou mutilados e socorrendo-lhes as familias que a sua ausencia tantas vezes deixa em precarias circunstancias, — tal o objeto das preocupações e das sollicitudes dos que as condções de idade, de sexo ou de saude retiveram nos seus lares, longe do fragor dos combates. A encantadora, a originalissima «festa da Boneca», realisada agora no *hall* da Sociedade Nacional das Belas Artes e promovida por algumas senhoras cujos d tes de coração apenas são comparaveis aos de intelligencia, tem esse fim humanitario e benemerito sobre todos: coadjuvar aqueles que por nós derramaram o seu sangue, batalhando contra o inimigo. A' frente das senhoras illustres que levaram a cabo a «festa da Boneca», resalta a figura distin'a e insinuante de D. Sarah da Mota Vieira Marques, uma das



1. Anna de Bretanha, execução de mademoiselle Appert.—2. Diretorio, de madame Martin.—3. Madame de Pompadour, da casa Ramiro Leão.—4. Maria Antonieta, de mademoiselle Martin.—5. Imperatriz Eugenia, da casa Paris em Lisboa.—6. Madame Vigie Lebrun, de Madam' Gandon.—7. Mademoiselle Lavalliere, da casa A. Serra.—8. Imperatriz Josefina, da casa Martins & C'.—9. Madame Maintenon.—10. Ana d'Austria. 11. Maria de Medicis, da casa Borges Duarte.

nossas amadoras de canto que mais numerosos e mais merecidos triunfos tem alcançado nos salões e nas festas de caridade. D. Sarah da Mota Vieira Marques, artista até á medula, dispondo de uma illustração fóra do vulgar e de um bom gosto notavel,



Evolução do traje da mulher

possue uma das coleções mais curiosas de bonecas que é possível supor... Com esse fundo e com o que á volta d'ele irradiou da imaginação e dos dedos maravilhosos das colaboradoras genis da ta'entosa e benemerita senhora se obteve o deslumbrante recheio a que ficaram presos os olhos de quantos estiveram no edificio da rua Bar ta Salgueiro...

Cada figurinha recorda uma época historica, um paiz, uma região, um costume, uma personagem que deu brado pela sua formosura, pela sua elegancia, pela sua influencia, e, se a nota portugueza não vibrou tão larga e brilhantemente como seria para desejar e o pretenderiam os patriotas apaixonados, anciosos de verem cada cantinho e cada trajo de Portug. l evo-

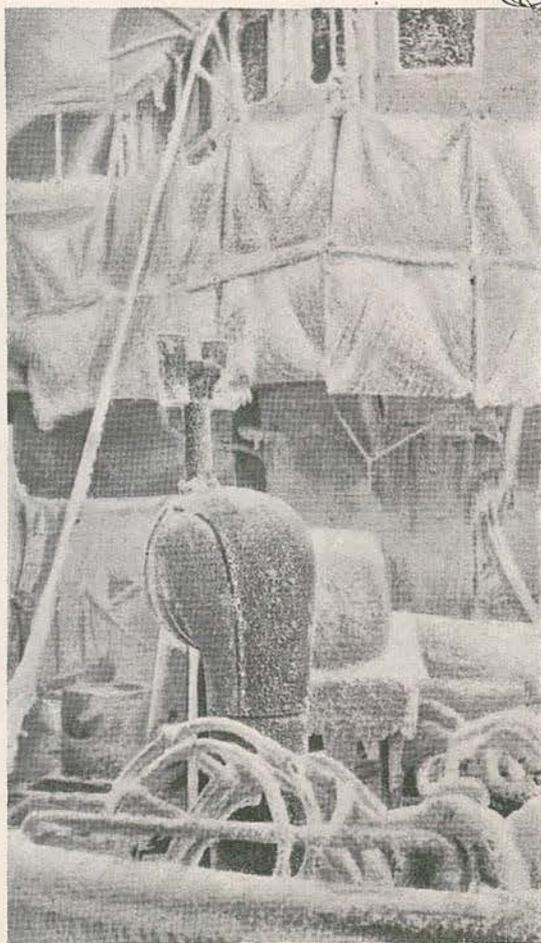
cados nos bonecos, essa nota observamo-la, cintilante e comovente, na colaboração litteraria e artistica das reuniões que se teem efetuado no palacio das Belas Artes, ponto de confluencia da primeira sociedade de Lisboa e que nos anaes das suas festas registará a da Boneca entre as que perdurarão na memoria de todos.

A exposição conserva-se aberta e os visitantes que a ella concorrem em numero cada vez maior retiram da rua Barata Salgueiro sob a mais agradável impressão de arte. E' naturalissimo que ainda se pro.ongue por-muitos dias e, se assim acontecer, só terão a ganhar os que beneficiam com o produto das entradas e das vendas...

Bem hajam, pois, os que a promoveram e os que lhe prestam o seto concurso valiosissimo... Quem diria que as pessoas grandes ainda haviam de ser seduzidas pelas bonecas que são o atrativo das creanças — o mais forte e o mais invencivel de todos?



Costumes que fizeram época em França



Efeitos do gelo e da bruma a bordo de um navio britânico em serviço nas costas árticas da Rússia



Outro aspecto do mesmo navio

(Clichés de *L'Illustration*).



Africa doirada

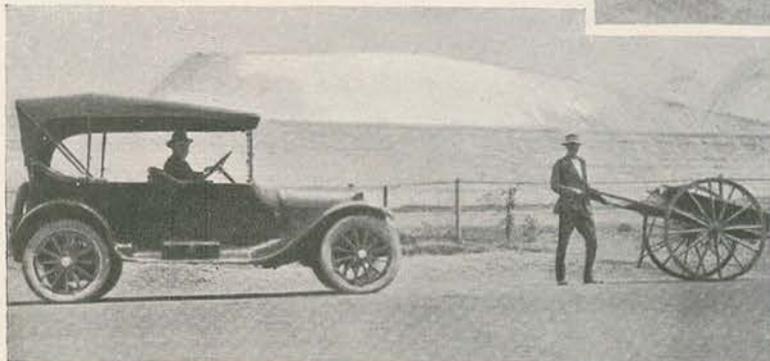
As fotografias que hoje a *Ilustração Portuguesa* reproduz, devidas á gentileza do sr. Willems, dão-nos o grau civilizador da colonisação ingleza.

N'esse continente africano nem tudo é a aridez saibrosa dos desertos, insalubridades pantanosas ou florestas queimadas do sol canicular com rugidos tenebrosos das feras.

Por mais que nas nossas fantasias de distanciados lisboetas a palavra Africa arde ligada á idéa de pretalhada, côco e palmeira, preciso é convencer-nos de que já hoje ali existem ci-



Monumento aos heroes da patria



Montanhas artificiaes em Johnsburgo

dades e centros de população civilisada algumas vezes superiores, em requintes de progresso, áquelas de que na Europa disfrutamos.

Está principalmente n'estes casos a União Sul



Memoria a James Rhode com a estatua da Energia voltada para a Rhodesia.

Africana, a cuja organização colonizadora tem presidido o espirito essencialmente pratico da Inglaterra, pondo em laboração a extraordinaria riqueza mineralogica do solo.

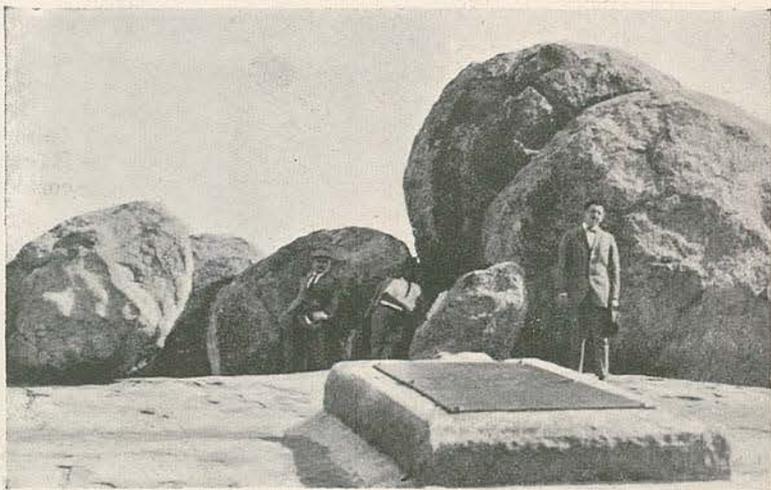
O ouro de Johnsburgo, o carvão do Natal, os diamantes da Rhodesia são as maiores fontes produtoras d'essa Africa doirada, onde uma progressão constante vae abrindo incomparaveis centros de atividade e de riqueza.

A par do movimento de industrialisação e consequentes mercados da União Sul Africana, esboça-se ali uma feição verdadeiramente artistica muito pouco vulgar em centros d'esta natureza.

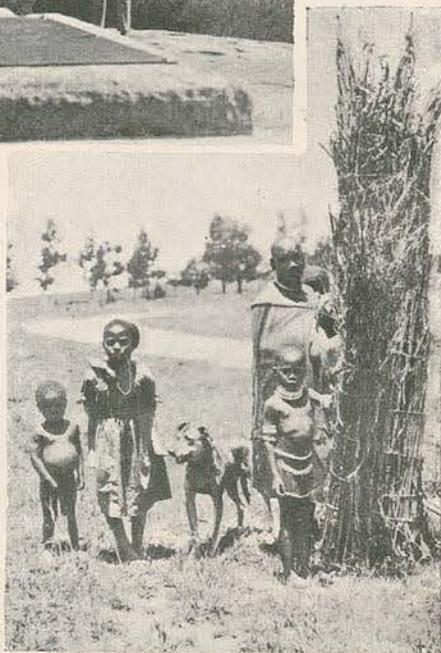
Provam-no as fotografias que reproduzimos e principalmente de entre estas a do monumento a James Rhode, o Napoleão africano, como ali é designado,

onde, n'uma simplicidade de linhas, n'ur'a sobriedade de puro gosto, se immortalisou em marmore a essencia da teoria do grande colonial.

« Volttem toda a vossa energia para a Rhodesia », dizia James Rhode.



Tumulo de James Rhode em Matopos



2. Uma vista do interior. — 3. Durban — Natal.



«Energia» voltada para a Rhodesia conforme a patriótica legenda do seu fundador.

James Rhode foi, segundo a sua vontade, sepultado nas montanhas de Matopos, palco de uma das suas batalhas, a 25 milhas de Buluwayo, esse lugar hoje consagrado pan-

Esse monumento, que é a consagração da sua obra, foi erigido em Groote Schunz, a pouca distancia da cidade do Cabo, e a principal figura que se destaca na primeira linha representa a



teon nacional para todos aqueles que merecerem a saudade da patria.

E' uma sepultura simples, como simples foi a vida d'esse homem grandioso, o maior d'entre todos na terra do oiro e dos diamantes.

1. Um grupo de excursionistas



2. A cinematografia através o interior.



3 e 4. Destacamentos de tropas colonias no momento do embarque.





Impurezas do sangue

COMO CONHECEL-AS?

A primavera
que vem chegando

Prevenindo ...

Dôr escusada!...

E' a analyse do sangue o meio geralmente conhecido, usado e preconizado para se conhecer se realmente se tem contraído a sífilis, origem de todas as impurezas de sangue. Apesar d'isso, porém, não é raro a analyse feita a um autentico sífilítico dar negativa, por a doença não estar em evolução franca, ou para melhor compreensão, estar emboscada.

Pois ha uma fórmula muito mais pratica e extremamente comoda, sem os inconvenientes que traz a extração do sangue aos fracos d'animo e nervosos, que é o tomar em a titulo d'experiencia alguns tubos de *Depuratol*. Se tiverem as triviaes tonturas de cabeça, dôres pelo corpo, pesadelos, manchas ou feridas pelo corpo, e tantas manifestações da sífilis e elas tenham origem n'esta doença, *hão de fatalmente* abrandar e desaparecer por completo com a continuação do tratamento pelo *Depuratol*. Se pelo contrario elas persistirem, então o mal é outro e outro deverá ser tambem o tratamento, devendo para isso procurar um medico para saber o caminho a seguir. D'esta fórmula ficarão certificados ou desiludidos, sem a menor desvantagem ou inconveniente, pois o *De-*

puratol, sendo inteiramente inofensivo ao organismo e só atacando o bacillus da sífilis, nenhum mal lhes fará, antes pelo contrario lhes *purificará o sangue*, com o que só tem a lucrar quem prudentemente o usa. Este processo recomendado é *absolutamente seguro* e tem sido seguido por inumeras pessoas e recomendado por muitos medicos.

Como é sabido, a sífilis que tanto pôde ser hereditaria como contraída pelo contacto (até n'um simples beijo), é a doença mais perigosa que existe, pelas funestas consequencias a que dá origem. Com o uso do *Depuratol* taes perigos desaparecem por completo.

Avisinha-se a primavera

E n'esta linda quadra do ano que todos os sífilíticos meçam bem o perigo para os imprevidentes, para os que se não tratam convenientemente e avaliem da prudencia d'aqueles que, usando o *Depuratol*, podem atravessar esta risonha estação, sem receios e sem sobressaltos, tranquilos e a resguardo das investidas da horrorosa sífilis.

Cada tubo (para uma semana de tratamento), 1\$25; 6 tubos, 6\$30. Pelo correio porte gratis para toda a parte.

Depositario geral em Lisboa: — Farmacia J. Nobre, 109, Rocio, 110. A' venda no *Porto*, na Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44. Em *Coimbra*, Drograria Marques, Praça 8 de Maio, 33 e 36. Em *Braga*, Farmacia dos Orfãos, Praça Municipal. Em *Evora*, Drograria Martins & Mata, R. João Deus, 64. Em *Setubal*, antiga Casa Supardo. Em *Tomar*, Farmacia João Torres Pinheiro & C.^a. Na *Figueira da Foz*, Farmacia Sotero.

A' venda no *Funchal*, Farmacia Luso-Britanica, R. dos Netos, 64. Em *Loanda*, Farmacia Dantas, Valadas & C.^a, e em todas as boas armacias e drogarias.

M.^{me} Virginia CARTOMANTE VIDENTE Diz o passado, presente e futuro, tudo esclarece. — Completa satisfação na consulta ou reembolso do dinheiro. Completa seriedade em todos os negocios d'esta casa. — Consultas todos os dias das 10 as 22. — Calçada da Patriarcal, 2, 1.^o, esq. Clmo da Rua d'Alegria



O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e tisionomista da Europa

M.^{me} Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobrela) — Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

Medico DECIO FERREIRA

Tratamento e cura pelo **RADIUM** do **cançero** (Epitelomas, sarcomas e carcinomas). Cancroides. Queloides e cicatrizes viciosas. Angiomas. Nevos vasculares e pigmentares. *manchas de vinho*. Tuberculose cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Pruridos, névrodermites, acné, eczemas. Fibromas e hemorragias uterinas. metrites. Uretrites cronicas. Blenorragia e suas complicações. Manifestações terciarias da sífilis, etc.



Antes



Depois

Raios X e electricidade na goia, reumatismo, coração, pele, nevraigias, paralisias, tumores, etc.

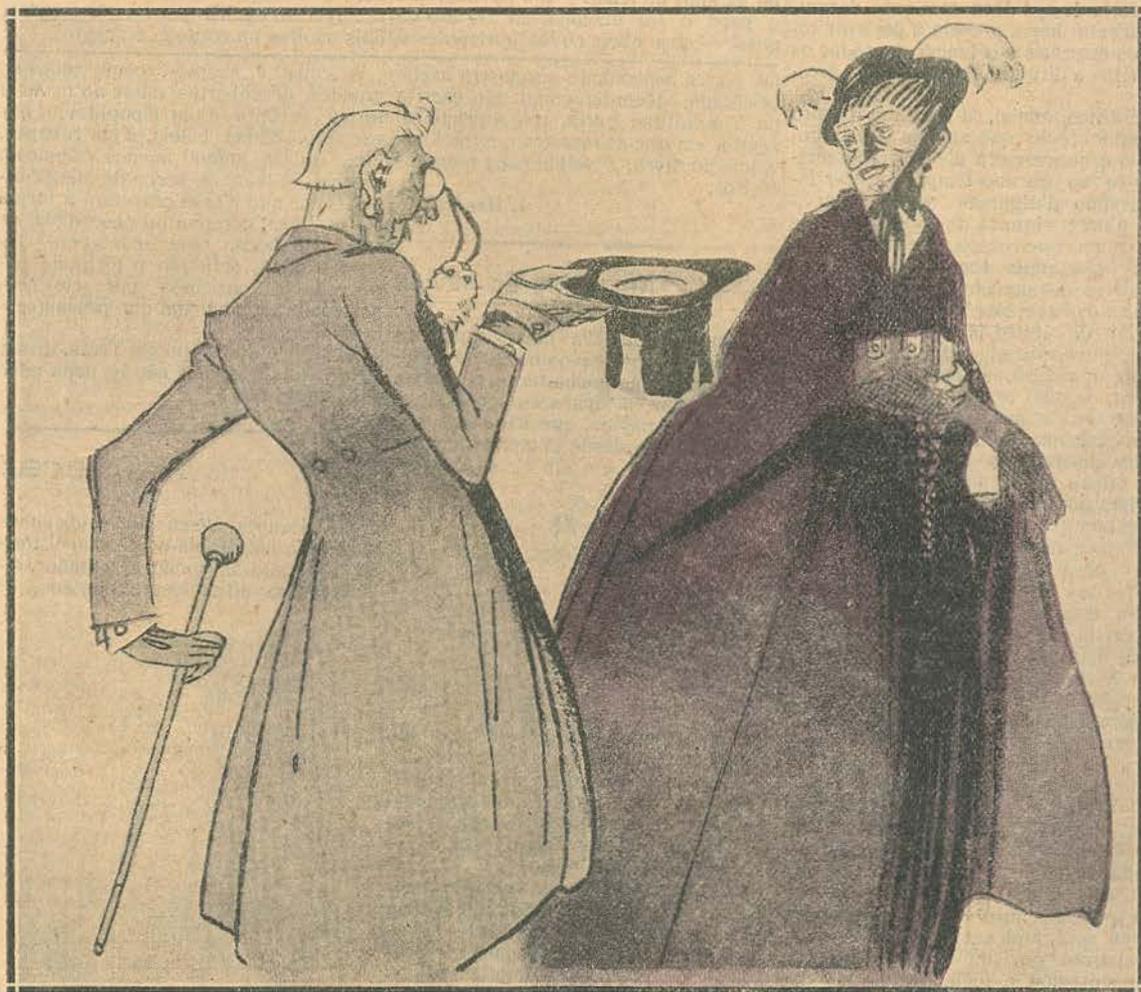
Consultorio: **Rua Garrett, 61, 1.^o (Chado)** — Telefone 2.570. LISBOA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

Os divorciados



O ESTADO:

—Quem é que faz as vontadinhas á sua antiga mulhersinha, quem é?

A EGREJA:

—Pois sim, mas enquanto não casares outra vez comigo não me dou por satisfeita...



PALESTRA AMENA

Belas-lettras

Acabamos de ler d'um folego—tal a beleza evidenciada logo nas primeiras linhas—um romance que enfileira com honra ao lado das obras de Camilo, Julio Diniz, Eça de Queiroz e Malheiro Dias: *A via sinuosa*, de Aquilino Ribeiro, cujo nome traziamos associado na memoria a factos com que a literatura nada tem que vêr, posto que do escritor alguns trechos conhecessemos, de alta valia, espalhados em revistas literarias.

Foi uma revelação para nós, não decerto para quem houvesse lido o *Jardim das tormentas*, o seu primeiro livro e cremos que o unico publicado antes da *Via sinuosa*; e além de revelação foi uma consolação, porque em nossa sinceridade e tristeza julgavamos morto o romance entre nós, não talvez por falta de aptidões mas pelo desanimo d'esta hora, proprio a destruir todas as energias e a lançar em todos os espiritos a duvida terrivel sobre o amanhã.

Devemos, assim, a Aquilino Ribeiro o maior favor que alguém pode receber: o esquecimento d'essas preocupações e ao mesmo tempo o prazer intensissimo d'algumas horas, absorvidas n'uma riqueza de concepção e de linguagem que chega a esmagar-nos. Bem haja quem tem o poder de nos abalar de tal maneira e quem não necessita das apreciações impressas para avaliar do efeito produzido pela sua obra, pois que ele foi, decerto, o primeiro a senti-lo e a gosar com ele.

Ora, se não precisa de apreciações impressas, a que vem este aranzel d'um desconhecido para o autor e d'um conhecido para o publico, sim, mas por feição muito diferente da de noticiaria ou critico literario? Vem para lamentar que a Arte domine de tal modo os seus eleitos que os não deixe fazer obra para toda a gente. Explicando: os autores realistas não transigem com a ignorancia nem com a hipocrisia do publico—no que fazem bem; mas não transigem igualmente com a tradição e as convenções estabelecidas, e se tal procedimento é respeitabilissimo, não deixa de ter inconvenientes, porque restringe o numero de freguezes á sua obra—digamos assim, comercialmente.

O defeito, se assim o considerarmos, será do publico e não do autor, bem sabemos; este não tem culpa de que a educação geral seja errada, de que seja tida como feia e para não ser lida por ingenuos tal ou tal palavra. Assim será, mas esses prejuizos ainda subsistirão por muito tempo e por isso soltamos a lamentação, pois desejariamos que não houvesse portuguez que não lesse *A via sinuosa*, para se sentir honrado de ter nascido n'uma terra onde se escreve uma obra de tal magnitude.

Se, porém, autor e leitores julgam

Brincando aos ministros

Louvamos calorosamente o sistema inaugurado pelo chefe do Estado de se rodear de inocentes, visto que os experientes já deram o que tinham a dar: assim, a nomeação d'um ministro



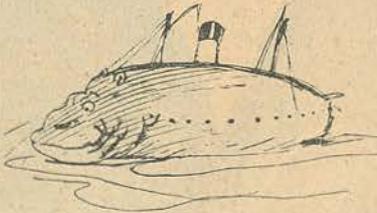
de 22 anos de idade — tão novinho que o papá o foi acompanhar ao ato da posse — vem abrir novos horizontes á

de pouca amenidade a palestra assim orientada, dêem-na como não escrita na sua ultima parte, que a primeira, aquela em que afirmamos o excênico valor do livro, é valida para todos os efeitos.

J. Neutral.

Novo tipo de navios

Temos estado ha mezes ansiosos por que os americanos inventem qualquer coisa que ponha termo á guerra. Tardou mas lá apareceu agora: é um novo tipo de navios, que não se afunda, procedendo-se desde já a experiencias, que consistem em um d'elles através-



sar os oceanos, muito bem escoltado para evitar ataques dos submarinos.

Vê-se que não é um invento por af além, pois que o perigo dos submarinos subsiste, mas em todo o caso a boa vontade do inventor é manifesta, o que já significa alguma coisa.

E já agora saibam os senhores americanos que cá por casa tambem se trabalha e que se estivemos até agora calados foi precisamente para não prejudicar os inventores americanos nas suas locubrações. Tambem nos temos occupado do assunto e descobrimos nem mais nem menos do que varios tipos de navios destinados a iludir os submarinos que, por consequencia, nunca se lembrarão de os atacar.

politica, da qual muito temos a esperar.

E' pena que a providencia se não alastre ás restantes pastas, porquanto não ha duvida de que os outros ministros já são maduros; não duvidamos, porém, de que a novidade dê tão bom resultado que em breve seja convidado o nosso Manecas para presidente do ministerio e os colegas sejam escolhidos entre meninos de berço.

O que, provavelmente, terá de acontecer é mudarem-se as pastas, adequando-as tanto quanto possivel aos novos titulares, substituindo-se as antigas por outras, do seguinte modo: Interior—Cueiros e Fraldas; Guerra—Soldadinhos de Chumbo; Marinha—Barquinhos de Papel; Subsistencias—Maminha; Estrangeiros—Chichi; etc.

Para paiz de bebês, como é o nosso, este ministerio está indicado; ha-de passar por crises, como os de adultos, por exemplo: quando algum ministro estiver com os dentinhos ou fizer o seu galo na festa, mas ao menos haverá a vantagem de não ser necessario recorrer ao canhão para o pôr a andar: dois açotes na rotunda e pronto!

A coisa é simples, como todas as grandes descobertas: dá-se ao navio a forma perfeita d'um hipopotamo, por exemplo, d'uma baleia, d'um tubarão, etc., ou de animal menos volumoso, quando se trate de barco de menor tonelagem, que n'esse caso terá a forma de sardinha, carapau ou pescadinha de rabo na boca. Que acontecerá? Os boches vêem refletido o bicho no periscopio e passando por ele nem por sombras imaginam que passam pelo inimigo.

E' a ideia do cavalo de Troia, dirá o leitor. Pois sim, mas não ha nada novo debaixo do sol.

Pudera!

Os jornaes veem alarmadissimos porque a hidrofobia em Portugal tem-se alastrado de modo assustador, registando-se ultimamente centenas de



casos de pessoas que se tem danado.

Outrem se admire, nanja nós. Primeiro: porque não fazemos outra coisa senão morder-mo-nos uns aos outros; segundo: porque todos somos danados.



TEATRADAS

EM FOCO

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa

Cuntinúa a politega de tulerancia sigundo afeturei duma pessa que á dias oivi nu triato Avenida, xamada *A filha da sinhora Angou*, que istá xeia de piadas á republica i ca otoridade dechou arrepressintar.

Ce foçe nu tempo do sr. Afonso Costa deserto nan ce concentia cu Almeida Cruz fazesse uns verços a dezer:

Não valia a pena
Por vida minha,
Não valia a pena, não,
Mudar de governo a nassão!

Alem diço tamem ce largam viscas ós cuspiradores i muntas óitras indiretas que bem ce vé cus ótores ção falaças dus quatro custados.

Intão a pessa é có pulitega, préguntará tu? Não, Zefa, é tamem recriativa i perniativa, isto é, cerve para recriar a vista cun a isposição de pername inclusivamente u da D. Itelvina Serrg, que amostra as pernas inté ó pescosso, apezar da criteca i do puvlico dezerem ca pessa nã tem as imuralidades das pessa mudernas.

Ora ben. Oje nã tanho tempo pra me alargar munto, pur iço te dizerei ca D. Pancada nã ten pancada ninhu, ó contrario du cu papel inzije i cu Zé Ricardo istá ainda um rapaz que inté ce bate cu a Itelvina cumo um catita i que cun isto não te infado mais i cem mais aquelas teu isposo lial i munto iscamado pur não aver batatas.

Jerolmo.

Emprezario do Pauliteama de Pêras-Ruivas

"BRISTOL"

Ha quem se queixe da decadencia da nossa literatura, mas sem o menor motivo. Agora mesmo se nos depara um trecho de estilo quasi sublime, a proposito da abertura d'uma casa de batota ali para as bandas de Santo Antão. A proposito da sala do 1.º andar:

«A luz faz realçar a beleza do colorido e a homogeneidade do todo, impregnado do tom meridional, alegre, vivo, exuberante de colorido e vida.»

E os criados?

«As fardas do grande pessoal do Bristol, em azul e encarnado, azul cõr do céu luzitano e encarnado cõr do sol no poente com as suas manchas douradas dos botões, fardamentos que fazem sobressair o branco irrepreensivel dos peitinhos e das gravatas...»

O 2.º andar é que é o diabo:

«... salão de 150 metros, destinado aos que vão tentar a sorte ou por ela

As andorinhas



Como as tardes já fossem para amôres
No doce Portugal, todas em bando
Voaram, nossas terras demandando,
Tão propicias ás aves como ás flores.

Procuraram beirões acolhedores
Onde seus ninhos fabricassem, quando
O céu, ha pouco tempo azul e brando,
De novo se encobriu de negras côres.

O bando, não supondo terminada
A chuvosa estação, de onde viera
Já procurava a salvadora estrada;

Mas n'isto, entre festões de folhas de hera,
Debruçou-se á janela a minha amada
E ele ficou: surgira a Primavera!

BELMIRO.

deixar-se atentar. E' de ouro e branco, de marmores e grandes espelhos, de *plafonds* artisticos e cheio de luz, como que dizendo ao visitante «esperança e desilusão» mas é uma bela sala de *club*.

Vêem? literatura temos nós em bar; o que nos falta é juizo.

Reforma da policia

A's horas em que o leitor estiver saboreando com infinito prazer as deliciosas paginas do *Seculo Comico*, já a reforma da policia deve ser um facto — e lamentavel, facto, por sinal, visto que ela se realisa sem termos sido consultados.

Estamos a ver: alteração de uniforme, instrução, talho de barba, novo armamento, e coisas semelhantes, serão as bases da reforma. Assim, mudará o

continuarão na mesma as relações entre o povo e os civicos, isto é, quando a policia disser «sim» o povo dirá «não» e vice-versa.

Ora, não é nada d'isso o que convem, mas sim um accordo definitivo, eficaz, garantia da ordem. E como se pode chegar a esse resultado? Com as bases seguintes, que conseguimos estabelecer depois de muito meditar.

Base 1.ª—Os ladrões, assassinos e mais cavalheiros cuja existencia justifica a da policia civil, escolherão hora e local proprios para as suas façanhas.

Base 2.ª—Os delinquentes acima citados, que desejem ser presos, avisarão previamente a policia d'esse seu desejo.

Base 3.ª—As vítimas jámais apitarão, gritarão «ó da guarda!» ou perturbarão de qualquer modo a harmonia social.

Creemos ter assim resolvido o problema da ordem, sem aumento de pessoal nem incomodo de maior para a auctoridade e para o publico.

Um poeta

Não temos nada com a vida alheia, mas não nos sofre o animo o calar por mais tempo que, por vezes, nos anuncios e reclamos commerciaes que apparecem nos periodicos se revelam poetas de grande valor.

Ora então, tenham a bondade de ler a seguinte quadra:

A MODA?!

Menina da moda gentil!!!
De toilette bem travadinha!!!
Por força tem que do Brito!!!
Usar da moda a malinha!!!

Que tal? Apostamos em como d'aqui a pouco está a escrever alguma revista do ano...



aspêto dos civicos—provavelmente trocarão o revolver pelo canhão—mas

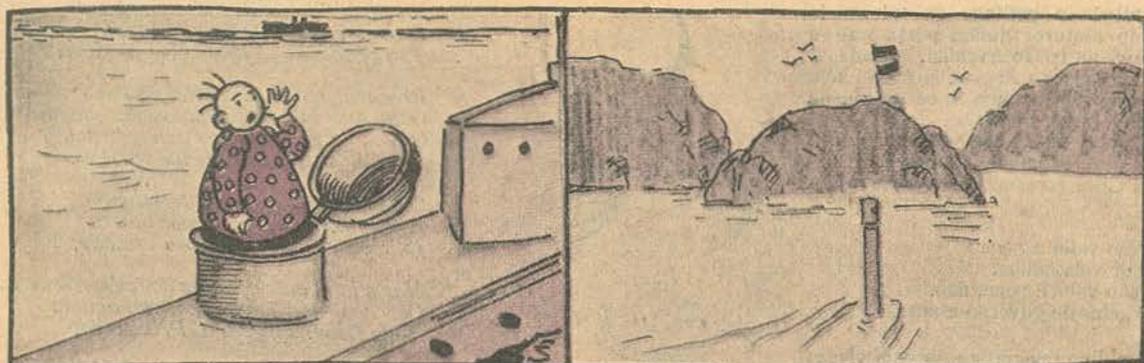
MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

18.ª Parte

A. MACACARIA

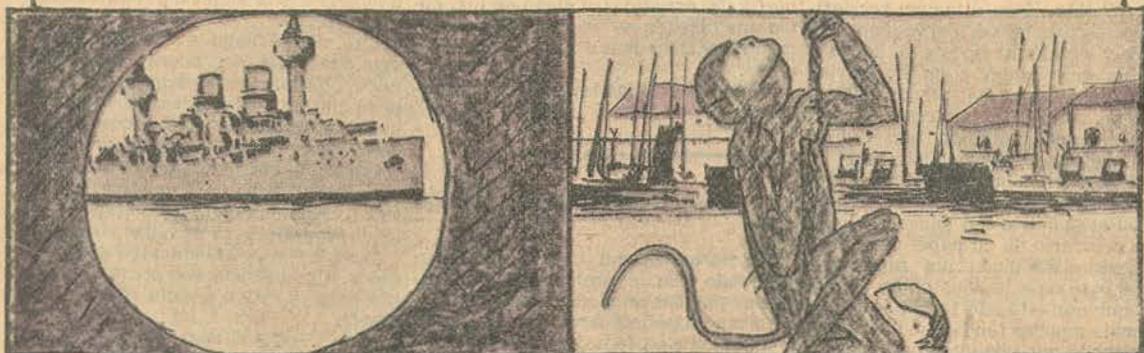
2.º Episódio

(Continuação)



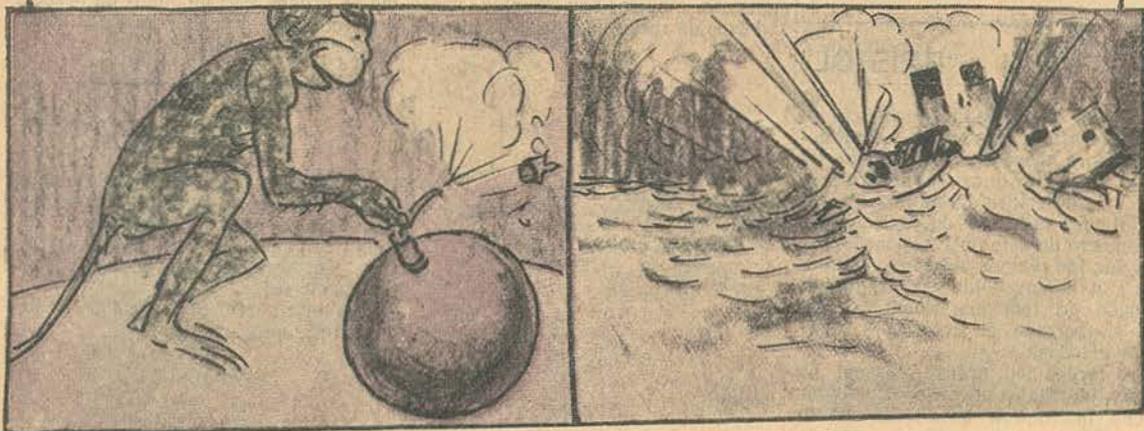
1.—Manecas, com o fito de não deixar boche vivo, volta ao submarino

2.—e dirige-se à ilha da Malandrolândia, uma das bases mais poderosas das operações alemães.



3.—No caminho avista, periscopicamente falando, um couraçado inimigo

4.—e logo manda a nado um dos seus mais audazes marinheiros, encarregado de trepar ao couraçado e aí lançar uma bomba.



—5. Quem desconfia das intenções d'um macaco? Ninguém. De modo que o marinheiro colocou a bomba no convez.

6.—e bumba! O couraçado ficou reduzido a terra, ossos, podridão e bichos!

(Continua).